

MUSEU DA PESSOA

História

Do jardim às embalagens

História de: [Waldemar Baptista de Souza](#)

Autor: [Maria Luiza Manoel Marcelo](#)

Publicado em: 30/06/2021

Sinopse

Nascido em Herculano, interior de São Paulo, se mudou para a capital paulista aos 33 anos e, por indicação de sua filha que trabalhava no Aché, foi admitido na empresa em 1991. No início de seu trabalho, cuidava dos jardins e foi parte da equipe que construiu o campo de futebol da empresa. Após a decisão da empresa de terceirizar esse serviço, foi transferido para o setor de líquidos, no qual trabalha na montagem e desmontagem de caixas e embalagens.

Tags

- [Herculano](#); [Aché](#); [jardineiro](#); [jardinagem](#); [jardim](#); [gramado](#); [campo de futebol](#); [Grêmio](#); [líquidos](#); [embala](#)

História completa

Aché Vai Contar Sua História Realização: Instituto Museu da Pessoa Entrevista de Waldemar Baptista de Souza Entrevistado por Stella Franco Guarulhos, 23 de novembro de 2001 Código: ACHÉ_CB001 Transcrito por: Marina D'Ándrea Revisado por: Michelle Barreto P/1 – Para começar, gostaria que o senhor falasse seu nome completo, local e data de nascimento. R – Waldemar Baptista de Souza. P/1 – O senhor nasceu... R – Nasci em Herculano, estado de São Paulo, 15 de setembro de 1938. P/1 – É no interior de São Paulo? R – Interior de São Paulo. P/1 – O senhor veio pra São Paulo com quantos anos? R – Ah, eu vim pra São Paulo com 33 anos. P/1 – E quando o senhor começou a trabalhar aqui no Aché? R – Eu comecei dia 15 de julho de 1991. P/1 – Há dez anos. R – É. P/1 – Quer dizer que o senhor foi homenageado hoje. R – É. Consegui, né [risos]? P/1 – O que o senhor sentiu com essa homenagem. R – Ah, a gente fica... contente, né, emocionado. P/1 – Como foi a homenagem? Vocês receberam algum prêmio... R – Recebemos um prêmio, uma jarrinha de flor, e um cartão... com... fazer uma comprinha. Precisa desbloquear, levar no banco pra desbloquear e... comprar. Na redeshop. P/1 – Que jóia. E quando o senhor entrou aqui no Aché, há dez anos, o senhor se lembra como foi o seu primeiro dia de trabalho? R – O primeiro dia de trabalho? Nossa, foi terrível. P/1 – Por que? R – Porque eu entrei aqui, eu trabalhava numa empresa de ônibus, então fazia pouco serviço. Ficava com a mão toda fininha. Aí o primeiro serviço mandaram eu fazer uma valeta ali beirando o setor de líquidos ali, e usei até picareta. Aí fiz a valeta, tudo, consegui fazer a valeta, pra adubar pra plantar flor, aí no outro dia amanheci com uma dor nas costelas. Assim, falei: “Ah, vou aguentar sem passar no ambulatório, senão vai ficar feio meu problema”. Aí aguentei, passei uns três dias, tomei algum medicamento em casa e depois... andei bem, né? P/1 – Aí continuou? R – Aí continuei. P/1 – O senhor foi trabalhar no jardim, então. R – É, trabalhei no jardim. E aí quando o Aché terceirizou o jardim, aí passei pra trabalhar no setor de líquidos. P/1 – E quando foi isso, essa terceirização? R – Ah. Não lembro quando foi a terceirização. Acho que foi mais uns dois anos, mais ou menos, que eu estava no jardim, já passou tudo isso. P/1 – E quando o senhor entrou aqui o senhor já tinha ouvido falar alguma vez do Aché? R – A minha filha já trabalhava aqui. Aí ela falou com um senhor aqui, mandaram eu trazer o documento e vir aqui. Eu vim, o primeiro dia que eu vim já entrei. Fui fazer exame médico e já peguei o jardim logo [risos]. Nunca tinha trabalhado em jardim. P/1 – E o senhor recebeu algum treinamento? R – É, eles perguntaram se eu tinha treinamento de jardim. Eu falei: “Eu não tenho treinamento de jardim, mas eu trabalhei muito na lavoura, na roça.” Então eu conhecia mexer com terra, com planta, falei: “Ah, então...” P/1 – Estou apto. R – É. Aí eu peguei. Eles confiaram em mim porque... acho que não menti, falei: “Ó, vou falar a verdade...” porque mentira não leva a nada. P/1 – E como era aqui quando o senhor chegou há dez anos? R – Ah, ih, aqui era... tinha pouca coisa, né? Não tinha nem o Grêmio, o campo também não tinha, nós aterramos o campo todinho com carrinho de mão, sabe? Chegava a terra no lado assim, a gente coava a terra numa "peneirona", enchia os carrinhos, colocava tudo no campo assim com uma enxada, depois que estava tudo planinho vinham os caminhões de grama. A gente ia colocando e a grama não pegava, porque o sol estava muito quente. Aí veio a firma e mandou trazer um esterco de galinha, sabe? Que é esterco de granja, né? Aí colocamos na grama, foi quando ela melhorou. E o campo virou isso aí que está agora. P/1 – E o senhor já jogou bola lá, não? R – Não. Eu nunca entrei lá. Depois que fiz isso aí eu nunca mais entrei lá dentro [risos]. P/1 – Só ajudou a fazer o gramado. R – Todos esses aterros do jardim aí nós fizemos, tudinho. Depois que terceirizou já estava tudo feito. P/1 – O senhor lembra mais ou menos que época que foi feito esse campo de futebol? R – Logo quando eu entrei, no segundo, terceiro dia, já começamos a carregar terra pra lá. P/1 – E o Grêmio é da mesma época? R – É, o Grêmio, depois de mais ou menos uns seis meses que eu estava aqui, começaram a construir. P/1 – O senhor participa do Grêmio? R – Não. Eu não tenho muita participação em festa, assim, essas coisas. Eu participo pouco, né? P/1 – E como é que foi mudar pro

setor de líquidos? R – Ah, foi bom, né? A gente que quer trabalhar mesmo, não tem nada de dificuldade. Tudo o que a gente pega a gente consegue fazer. P/1 – O que o senhor faz lá? R – Lá eu trabalho, eu desmonto as caixas. Fico lá embaixo pegando caixa, desmontando, arrumando, saco de plástico, vidro... Quando cai, cai no tambor lá e a gente, quando está cheio, a gente tira e coloca num lugar pra transportar pra fora. P/1 – Seu Waldemar, a gente já está encerrando. Eu queria que o senhor contasse qual foi o fato mais marcante na sua experiência de trabalho aqui no Aché nesses dez anos que o senhor está aqui. R – Qual é o fato mais... P/1 - É, algo que tenha marcado o senhor, essa experiência de trabalho, o que significou.. R – Os ensinamentos que eles fazem aqui, a pessoa tem que sempre aprender, porque cada vez tem um ensinamento bom, né? E a pessoa vai ficando bem no trabalho. P/1 – Tá jóia então. Queria agradecer a sua participação. R – Obrigado você.